

O grupo de calouros do Mestrado em Educação da UFSC reúne-se no Curso de "Teorias da Educação", durante o primeiro semestre de 1990. Nada espontâneo: trata-se duma disciplina obrigatória!

Já durante a apresentação recíproca, no primeiro encontro, algumas questões chaves vão se delineando: "O que é teoria? Qual o significado de prática educativa? Como relacionar uma coisa com outra?" A conversa começa a ter tons polêmicos ao se discutir a proposta de programação: "Vamos reler os clássicos? Ou vamos tentar teorizar a partir de nossa prática, sem muletas?"

Posições diferentes e divergentes começam a se configurar. A ansiedade aumenta. Para alguns é quase insuportável. "É preciso definir logo esta Programação!" - dizem. "Mas já estamos desenvolvendo teorias da educação desde o primeiro momento de nossos encontros!" - contestam outros.

A proposta de dinâmica de trabalho num grupo de 25 marmanjos, vai pouco a pouco se tornando consenso. "Ufa!" - respira-se com alívio. O grupo decide discutir as questões de interesse comum. "Inter-esse", "o ser que circula entre as pessoas", os problemas que atravessam prática educacional. Trata-se de explicitar os impasses, os nós, os conflitos inerentes à educação. "Vamos juntos teorizá-los, tentar enxergá-los melhor para buscar solução. Será isto criar teoria nova? Ou reinventar a roda? Pediremos ajuda aos grandes pensadores?"

A dinâmica que acabou agradando a gregos e troianos prevê quatro passos: (1.) cada um expõe as questões que considera chaves em sua prática educativa: para isso cada um tem direito de usar 10 minutos, em média; (2.) aqueles que se defrontam com problemas educacionais afins reúnem-se, a seguir, em grupinhos para aprofundar sua discussão - lá se vão mais três encontros semanais; (3.) em plenário, os grupos apresentam o resultado de seus debates - quem sabe dois encontros são suficientes; (4.) após avaliação deste processo, em que se espera identificar as questões comuns mais radicais, procura-se aprofundar o debate, que pode se estender por mais quatro ou cinco encontros. Será este último momento ocasião para se recorrer mais explicitamente aos clássicos? Ou a este ponto, de caroneiros estranhos, já terão inadvertidamente se tornado companheiros de nossa jornada?

O ânimo incontido impele o grupo a se colocar logo em marcha. Iniciam-se as apresentações. Prevê-se tempo suficiente para dois depoimentos ao final desta aula (28.03). Borbotam três. Faiscam desafios: "Será possível desenvolver uma educação democrática na escola? Como ensinar os conteúdos curriculares e realizar avaliação numa proposta participativa? Será possível superar o autoritarismo esclerosado da escola?"

Que perguntas surgirão nos próximos encontros? Os sobreviventes verão! E que respostas darão?

Por enquanto as pessoas estão se armando e se articulando. Nesta perspectiva um dos instrumentos inventados é este **Jornal**, que pretende ser Eco do que está acontecendo nas quartas-feiras de manhã na sala 618 do CED. Oxalá este informativo interno se torne um espaço fecundo para realizar nosso inter-esse!